

Capítulo 13

Vida na Igreja Além do Alqueire (4)

Música que faz sentido

Lembro-me vividamente do momento. Em uma fita cassete próxima, uma voz cantou as parábolas do evangelho de Mateus. Era claramente um produto não sancionado pelo LSM – uma fita musical autoproduzida de forma independente, em um esforço profissional, mixado em um estúdio e cujas palavras não foram escritas por Nee, Lee ou os futuros “Entremesclados”.

Isso logo recebeu uma resposta. Um clérigo local parado nas proximidades pronunciou com grande desprezo: “Essa música é almática”. A certeza por trás do julgamento foi um pouco confusa. Eu tinha o hábito de pensar que o Led Zeppelin não era espiritual. Mas isso não tinha bateria, instrumentos elétricos ou letras ousadas. As palavras eram piedosas. Até onde pude ver, ser diferente era o único “pecado”. Mas havia um problema. O Movimento Igreja Local tinha sido condicionado a pensar em música em certos termos. Além dos hinos aprovados por Lee na história da igreja, muitos de nós pensamos que as canções cristãs mais confiáveis (e, portanto, valiosas) consistiam na teologia sistemática de Witness Lee, que se dedica à música. Essas eram tipicamente faixas de treinamento ou notas de rodapé que podiam ser cantadas, ou algum hino muito longo e pesado - eu finalmente as chamei de doutrinas musicais. Qualquer coisa que não estivesse em conformidade com esse critério restrito era no mínimo suspeita, embora alguns esforços tenham conseguido ganhar notoriedade, incluindo (ironicamente), a fita que eu mencionei acima, que se tornou um dos principais serviços de muitas crianças da Igreja Local. Ainda assim, a sobrevivência de novos esforços musicais não ocorreu sem uma certa desaprovação ao longo do caminho.

Essa foi minha breve introdução às “guerras de adoração” – lutas por estilos musicais emergentes que estavam ocorrendo não apenas no Movimento Igreja Local, mas também no resto do cristianismo. Esses eram apenas os vislumbres iniciais de um problema que levaria cerca de quinze anos para se transformar em um confronto de cano duplo. E nenhum alegado homem-Deus vivo temperaria a batalha em que entraríamos. Como estávamos fadados a descobrir, as pessoas do Movimento lutariam de maneira tão amarga quanto qualquer fanático religioso indignado.

Uma Breve História das Guerras de Adoração

Uma rápida pesquisa da história da igreja mostrará que a música sempre foi uma colina para os santos enganados morrerem. Como veremos, por longos períodos de tempo, a igreja se contentou em cooptar a estrutura de sua música da cultura popular. Gradualmente, a cultura circundante seguiu em frente, mas a igreja se consolidou musicalmente em estilos e sons antigos, que se tornaram “sagrados”. Em algum momento além desse tempo, alguns radicais notariam que a música cristã se tornara irrelevante para a sociedade. Ele, ela ou eles, então, procurariam devolvê-la a um curso paralelo à cultura contemporânea. Mais uma vez, seria recebido com entusiasmo pelo homem comum, mas não sem protestos vigorosos da maioria dos santos. Após um período desagradável de luta, o novo estilo musical seria aceito, se tornaria a nova ortodoxia ao longo das décadas e, infelizmente, se transformaria na próxima fortaleza a partir da qual resistir a quaisquer desenvolvimentos musicais futuros.

Vamos voltar ao início e seguir esse padrão com mais detalhes. A nova igreja cristã não apenas tinha um Novo Testamento escrito em grego, mas também música fortemente influenciada por elementos estilísticos gregos. No início do século 2, porém, os hereges começaram a definir sua estranha marca de ensinamentos gnósticos na música popular. Previsivelmente, esses *jingles* cativantes ganharam incursões com o homem comum. Os cristãos responderam fazendo a mesma coisa, obtendo resultados igualmente impressionantes. Eles comandaram músicas da cultura dominante e as usaram como veículos do ensino ortodoxo. Como o autor cristão Donald Ellsworth, diz: “Durante os primeiros séculos, a igreja tomava emprestado continuamente fontes e práticas de música secular” (p.30).

Um estilo de igreja sagrada não evoluiu até o papa Gregório Magno (590-604), que desenvolveu e promoveu o canto gregoriano. Uma vez que a música foi oficialmente aceita e depois entrincheirada, a partida dela foi fortemente resistida. De fato, *The History of Catholic Church Music* define a firme atitude em relação aos estilos musicais emergentes: “Novos meios de composição seriam aceitáveis somente depois que fossem experimentados e tivessem perdido sua força na música secular contemporânea...esse era o ponto de vista da igreja por séculos” (Fellerer, p. 56). Tal atitude efetivamente manteve a igreja longe de qualquer coisa que pudesse parecer remotamente avançada. Também diminuiu a capacidade da igreja de cativar os corações e mentes do homem comum.

Quando a Reforma Protestante rugiu em cena, o fez não apenas com uma Bíblia aberta, mas a verdade dessa Bíblia se encaixava na música contemporânea. Os reformadores fizeram tentativas conscientes de evitar as armadilhas da teologia – falada em suas novas canções. O próprio Lutero havia dito a respeito da preparação do hino: “Por favor, omita todas as novas

expressões da corte, para ganhar popularidade, uma música deve estar na linguagem mais simples e comum” (Smith, p. 231). De fato, ao examinar a música secular da época, ele observou que havia “tantas canções bonitas, enquanto no campo religioso temos coisas tão pobres e sem vida” (Friedenthal, p. 464). Quanto à escrita de hinos e ao uso de todos os tipos de instrumentos, sua liberalidade era famosa. Ele disse: “Pelo bem dos jovens, precisamos ler, cantar, pregar, escrever e compor versos; e sempre que fosse útil e benéfico, deixaria todos os sinos tocarem, todos os órgãos trovejarem e tudo o que soasse” (Friedenthal, p. 464). Como as músicas da reforma foram fortemente adaptadas de fontes folclóricas alemãs e baladas seculares do dia, o impacto sobre as massas foi impressionante. Um monge católico da época reclamou que “os hinos de Lutero destruíram mais almas do que seus escritos e discursos” (Koch, vol.1, p. 244).

Mas outros reformadores se opuseram às novas formas musicais. O principal deles era João Calvino, que insistia fortemente no retorno ao Saltério. Ele se opôs vigorosamente a todos os instrumentos e a qualquer letra que não fosse palavra por palavra das escrituras. Na sequência de sua influência, instrumentos da igreja, como órgãos [pianos], foram condenados e depois destruídos. Ainda assim, Calvino também colocou os Salmos em músicas populares, um desenvolvimento que foi desprezado por alguns por ser muito mundano. Eventualmente, porém, seu desenvolvimento pegou em diferentes partes e se tornou uma ortodoxia blindada própria. Isso foi demonstrado graficamente quando um homem chamado Louis Bourgeois foi preso em 1551 por mudar as melodias de alguns desses salmos. A ironia é que ele próprio havia escrito as melodias originais pouco tempo antes!

Com o passar do tempo, hinos foram introduzidos e, em certos casos, violentamente atacados. As emoções ficaram agitadas. Alguns frequentadores de igreja esperavam deliberadamente em casa até que soubessem que o hino “desprezível” havia terminado e só depois compareceriam aos cultos. A igreja de John Bunyan sofreu uma cisão quando ele apresentou hinos à congregação. Outros, como Benjamin Keach, dos anabatistas, foram vigorosamente atacados por membros de seu próprio grupo. Depois de décadas de controvérsia e lutas internas, os hinos lentamente se dirigiram ao culto congregacional.

Ainda assim, Isaac Watts desequilibrou a balança, desde a Salmodia até o hino. Como antes dele, Watts buscava a edificação do homem comum, criando centenas de hinos que podiam ser facilmente compreendidos e desfrutados com facilidade. Seu esforço também veio com dificuldade, pois os estilos poéticos daquele período estavam enredados em vícios de todos os tipos. A prosa engenhosa de rima era considerada inadequada para o uso de santos. Não demorou muito para que as acusações previsíveis e carregadas de “mundanismo” começassem a girar em torno de seu trabalho. Críticas mais sérias vieram daqueles que achavam que a produção musical de Watts estava substituindo os Salmos nas igrejas. Em 1755, William

Romaine perguntou: “Por que Watts, ou qualquer fabricante de hinos, não apenas deveria ter a precedência do Espírito Santo, mas também expulsá-Lo inteiramente da igreja?” (Davis, p. 159). Um crítico com a mesma opinião acrescentou: “As rimas do homem agora são ampliadas acima da Palavra de Deus” (Romaine, p. 999). Mais uma vez, os conflitos da igreja se aproximaram de proporções catastróficas. Os líderes foram demitidos e as congregações se separaram. Em um lugar, os oponentes dos hinos contrataram crianças travessas nas ruas para irem aos cultos da igreja e deliberadamente cantarem desafinadas, a fim de perturbar a atmosfera (H.A.L., pp. 1-2).

Por fim, no entanto, fiéis ao padrão de introdução, resistência, conflito e aceitação, os hinos se tornaram a nova ortodoxia. Em pouco tempo, algumas igrejas começaram a resistir a qualquer coisa além dos hinos de Watts.

Charles Wesley foi o próximo capítulo épico nas guerras de adoração. Ele escreveu 6.000 hinos, acrescentando aos temas anteriores de louvor e adoração dimensões como a experiência cristã e o evangelismo. Wesley não sentiu nenhuma compulsão em manter as músicas familiares dos Salmos em seus hinos, como Watts havia feito. Ele era conhecido por emprestar músicas de óperas e canções folclóricas inglesas. De fato, seu hábito era levantar qualquer melodia de uma música assim que se tornasse popular e “resgatá-la” com palavras que levariam à edificação espiritual. Naturalmente, as acusações logo ecoaram. Dizia-se que Wesley havia comprometido palavras e sons sagrados, mas ele realmente empacotou e entregou o hino de maneiras que o homem na rua provavelmente desfrutaria. Como resultado, o hinário metodista “se tornou a ferramenta mais poderosa de evangelismo que a Inglaterra já conheceu” (Ellsworth, p. 75).

Enquanto isso, na América, uma nova abordagem para o canto de hinos também surgiu sob evangelistas como Jonathan Edwards, George Whitfield, Charles Finney, D.L. Moody e Ira Sankey. A música tradicional de hinos já havia sido demorada e complicada, enquanto qualquer coisa mais animada fora tratada como diabólica (Sallee, pp. 19-20). Lentamente, porém, sob a influência do Grande Despertar e dos reavivamentos subsequentes, as melodias agudas não puderam ser mais suprimidas. A música novamente ganhou a censura de conservadores hostis, mas milhões chegaram a Cristo através do toque “mundano”, tocando e batendo palmas.

O objeto de controvérsia no meio das guerras de adoração era frequentemente mais do que apenas música e palavras. Os instrumentos frequentemente provocavam conflitos. No início, o órgão havia sido rotulado como “a gaita de foles do diabo” e outros instrumentos como o piano e o violino (chamado “violino do diabo” [Hustad, p. 288]) foram categoricamente condenados por serem muito seculares para uso na adoração a Deus. Meros sons também se tornaram suspeitos. Músicos cristãos evitavam o quarto acorde, pois o diabo podia possuí-lo (Peters, p. 196). Em diferentes momentos da história da igreja, terços e sextos foram condenados como sensuais

(Borrer, p. 167). A batida sincopada foi criticada por estar excessivamente associada à era do *ragtime*, até que a música *When Jesus Came Into My Heart* conseguiu passar pela oposição e ganhou seu lugar como velhinha de ouro.

Finalmente, a música que provocou tantas guerras na história da igreja foi admitida nas reuniões de adoração, mas elas não chegaram lá sem julgamentos severos e pouco caridosos e baixas espirituais. Em nome de Jesus, controvérsias, brigas, xingamentos e divisão haviam esmagado os santos – tudo por causa de opiniões sobre a melhor maneira de adorar a Deus. Era como se o Deus da luz e do amor precisasse dessas trevas para representar Seus interesses. No final, nenhuma das batatas quentes musicais destruiu a igreja como se temia; de fato, a igreja cresceu por causa delas aos milhões.

Ao revisitar o longo e distorcido caminho das tendências de adoração, podemos pensar duas vezes antes de rejeitar novos desenvolvimentos imediatamente. Normalmente itens de não-fé e não-moralidade não merecem baixas entre os filhos de Deus. Discussão e desacordo, talvez. Argumentos aquecidos, talvez. Mas nunca cenários de campo de batalha.

Deus tem uma maneira melhor de resolver os problemas na igreja do que através da força bruta e má vontade das pessoas religiosas. Ele usa principalmente o registro espiritual coletivo de seus santos. Ao revisarmos as principais épocas musicais da história da igreja, sem dúvida muitos sons, músicas, instrumentos e arranjos não foram edificantes. Alguns nem eram espiritualmente saudáveis. O que aconteceu com eles? Eles afundaram em desuso e obscuridade porque, eventualmente, os crentes não receberam nenhum benefício espiritual autêntico deles. Onde fogueiras, anátema e censura oficial fracassavam, o simples desinteresse cristão esmagava passivamente elementos inadequados. Como em muitos outros itens da história da igreja, o creme finalmente flutuou para o topo. De fato, os cristãos que prematuramente tentaram decidir para todo mundo qual deveria ser o cerne causaram mais destruição do que os próprios problemas negativos alegados. A igreja repousa firmemente nas mãos da soberania benevolente de Deus, seu próprio discernimento dado por Deus e a solene promessa do Senhor de que “os portões do inferno não prevalecerão contra ela” (Mt 16:18).

Quando as alegações voam

O mundanismo é a principal alegação que encabeça a lista de queixas contra a música cristã contemporânea (incluindo os subgêneros do pop, rock cristão e louvor e adoração modernos). Em alguns grupos, nada é mais ameaçador do que a perspectiva de ser mundano, especialmente se o mundanismo estiver relacionado à música. No entanto, apesar de toda a preocupação, as almas religiosas tendem a ser seletivas no que consideram como conformação

ao mundo. Em questões de vestuário, por exemplo, os líderes que são mais dedicados à “pureza” têm poucos escrúpulos em se parecerem com executivos corporativos da América, enquanto estão no púlpito com seus ternos e gravatas. Tampouco são particularmente incomodados quando se trata de carros mundanos que dirigem para a igreja ou da tecnologia que usam casualmente para a igreja (computadores, sites, telefones celulares). No entanto, quando a música entra em consideração, de repente todas as antenas ficam de pé.

A religião sempre tentou bravamente definir um som “santificado”, mas isso se tornou uma busca ilusória. A Bíblia é silenciosa sobre o tema dos estilos musicais. Ainda assim, alguns tentaram dar uma voz. Recentemente, li um livro que condena o uso da música cristã contemporânea. Depois de passar por mais da metade, percebi que o trabalho estava carregado de referências de versículos destinadas a apoiar a posição contrária sem que, contudo, o versículo realmente abordasse o tema. Por exemplo, quando o apóstolo João escreveu: “Não ameis o mundo”, não é automaticamente o mesmo que dizer: “Não use um tambor em uma reunião da igreja”. Nem significa “Não compre calças que custem mais de vinte e cinco dólares” ou “Não possua carro com vidros elétricos”. Os possíveis expositores inserem dogmaticamente esses significados, porque para eles as aplicações parecem óbvias e razoáveis. Mas eles são vítimas de seus próprios pontos cegos.

Em relação ao local onde uma pessoa está na vida, esses padrões predefinidos do que significa amar o mundo podem parecer ridículos. Um cristão de um país do terceiro mundo que mal pode vestir sua família pode achar proibições da classe média ocidental contra o uso de *Armani*¹ de fato estranho. Como um homem deve interpretar 1 João 2:15, quando mal consegue uma mula para arar um campo? Não comprar um Porsche? Não passar férias nas Bahamas? (E se o pobre agricultor mora nas Bahamas?). O fato é que convicções pessoais não podem ser impostas a 1 João 2:15. Nesse caso, o versículo perderá imediatamente seu poder sobre grande parte da população do mundo. Devemos honestamente nos perguntar o que faz com que algo seja mundano. Quem cria as regras?

Quando se trata de música, há uma tendência definida para inserir significados. “Não se conforme com o mundo” (Rom. 12: 2), passa a ser “não se conforme com a música” e “amizade com o mundo” (Tiago 4: 4) significa “amizade com a música”. Lembre-se de que poderíamos com a mesma facilidade dizer: “não se conforme com a bela casa nos subúrbios e com as escolas particulares”. Poderíamos também dizer: “não se conforme com a sala de reuniões com eletricidade” (uma vez que não havia salas de reuniões nem eletricidade na igreja no primeiro século). Isso forçaria a Bíblia a ponderar sobre assuntos que ela realmente não trata.

¹ Empresa de moda italiana [N.T.]

Dito isto, gostaria de afirmar meu compromisso com níveis razoáveis de discernimento. É uma prática louvável prestar atenção ao conteúdo lírico. Obviamente, os cristãos não devem usar música em suas reuniões que celebram conceitos errôneos. A boa música deve ser capaz de passar facilmente no teste de fidelidade à fé. De fato, uma vez que os céticos examinam as palavras de muitas canções cristãs modernas, eles não encontrarão o bicho-papão que imaginaram que estaria lá. Considerações de conteúdo podem ser um poderoso aliado nas guerras de adoração. Costumava usá-los como ponto de partida nos dias em que nossa igreja era influenciada pelo LSM.

Eu: “esta frase diz que ‘Graça cai como chuva sobre mim’. O que você acha censurável com esse sentimento?”

Garoto do Movimento Igreja Local: “Bem, a graça não cai como chuva. É dispensada.”

Eu: “Ok, e se o escritor não estivesse tentando definir graça de acordo com uma nota de rodapé, mas apenas capturando sua apreciação desfrutada por ele. Há algo de errado nisso?”

O silêncio sombrio que se seguia sempre indicava que havia algo errado. Não estava com a letra, no entanto. Foi com a atitude fanática do próprio descobridor de falhas.

Embora não possamos localizar muitas heresias na MCC (Música Cristã Contemporânea), a teologia simplista, quase infantil, pode muito bem dominar canções inteiras. Aqueles que prestam atenção às letras da MCC frequentemente criticam sua falta de profundidade. De fato, se não fosse a deslumbrante experiência musical do artista, as palavras nos matariam com puro tédio. Muitas vezes pode ser repetido freneticamente um coro que diz: *Tu és poderoso, Tu és amor/Bom e digno és Senhor*. A pergunta é: “alguém pode crescer com essas coisas?”

Sem dúvida, nem toda música do estilo MCC é um exemplo de profundidade teológica e talvez a maioria nem tente ser. Mas a falta de profundidade não deve necessariamente levar a uma dispensa de uma carta branca da música. Muitos dos Salmos bíblicos também não são teologicamente ricos. Alguns deles mostram sentimentos que variam de reclamações a desejos flagrantes de vingança. Independentemente de nossas avaliações do que é ou não é superficial, todos os Salmos são inspirados pelo Espírito Santo e existem como peças a serem cantadas. Do ponto de vista da inspiração, nenhum hino escrito por Watchman Nee, Witness Lee ou Martin Luther pode ser comparado a qualquer um dos 150 Salmos considerados a verdadeira Palavra de Deus.

Sim, admito que a música pode desempenhar um papel inestimável na educação dos cristãos com princípios sólidos da fé. Lembra da Grammar Rock? Uma geração inteira de crianças que cantou junto com as letras do programa da manhã de sábado aprendeu o propósito de conjunções e adjetivos apenas por causa das músicas cativantes e das palavras inteligentes

usadas em cada vinheta do desenho animado. A igreja universal certamente (e com razão) usou a música para ajudar a absorver os principais pensamentos cristãos. Mas existem outras maneiras pelas quais a música funciona que nada tem a ver com educação. Na Bíblia, também encontramos almas perturbadas (1 Sam. 16:23) ou expressando sentimentos de agradecimento e louvor (Êx 15: 20-21; Sl 150).

Se julgarmos rigidamente novas canções com base no único critério de profundidade teológica, o coração será retirado do canto, ficando apenas uma cabeça. Haverá correção sem sentimento; envelopes sem conteúdo. Durante anos no Movimento Igreja Local, houve uma tendência a hinos desse tipo, cujas palavras rimavam, cabiam na métrica e passavam no teste da verdade elevada, mas o escritor errou completamente o ponto. Na busca por clareza e profundidade de cristal, ele ou ela podem ter escrito a trilha sonora em um manual de computador.

O Movimento Igreja Local é contra a maioria das músicas cristãs contemporâneas, independentemente de seu auxílio ou função efetiva. Uma pergunta popular que surgiu no campo da Igreja Local foi “por que você tem que usar a música do cristianismo?” Nossa resposta instantânea a eles foi: “como Amazing Grace? Como Quão Grande és Tu? Qual deles você quer subtrair do hinário?” A réplica daria uma pausa ao adepto do LSM quando ele foi obrigado a ver momentaneamente sua própria religiosidade irracional. Então ele se reagruparia e começaria a protestar novamente de outra direção. Não importava em que recife de bom senso ele estivesse encalhado, sua repulsa profundamente programada contra todas as coisas do cristianismo garantiria que a discussão continuaria.

O debate certamente pode enriquecer o assunto do estilo musical na igreja, desde que seja mantido inteligente. No entanto, os críticos da MCC frequentemente se deparam com argumentos que pressionam a credulidade. Isso inclui o uso de ciência questionável, como estudos alegando que os sons criados pelo baixo e pela bateria têm efeitos deletérios sobre os ouvintes.

Essas alegações (às vezes respaldadas por pesquisas de natureza duvidosa) atingiram o *status* de mito urbano. Os cristãos sem nenhum amor particular pela MCC costumam se referir a eles como autoritários e conclusivos, dizendo: “eles descobriram que músicas com uma batida do rock fazem algo ruim para você”. A maioria das pessoas que repassam essas histórias tem dificuldade em especificar quem eles realmente são e por que as experiências devem ser confiáveis. Poucos sabem o que são as supostas “coisas ruins”.

Um efeito nocivo da música citada tem a ver com o enfraquecimento fisiológico ou psicológico dos ouvintes. Mesmo que esse achado emergisse de um laboratório em que os sujeitos foram conectados a eletrodos, devemos submetê-lo a considerações de senso comum mais

realistas. Por exemplo, clubes de halterofilismo e outras instalações esportivas que usam exclusivamente música pop nunca reclamaram dos supostos efeitos enfraquecedores da música. De fato, entre no Gold's Gym e peça ao gerente que mude a música para Mozart e veja qual reação você terá. Os cenários do mundo real sempre acham difícil concordar com as descobertas peculiares da pesquisa.

Segundo os críticos, o ritmo do rock também é psicologicamente perturbador e, portanto, não é adequado para uso em adoração. Alega-se que a música clássica, com sua composição mais calma e ordenada, é muito mais apropriada. Mas existe realmente um “som” musical que é nativamente antagônico à alma humana? Sim. Pergunte ao amante da música Country Western e ele dirá que é rap de gangster. Pergunte ao fanático do heavy metal e ele dirá que é o “barulho do pescoço vermelho” da música country. As preferências do ouvinte determinam em grande parte o que é perturbador para o ouvido e o coração. Por exemplo, acho a música clássica especialmente irritante depois de alguns minutos, certamente não despertando em mim os humores cativantes que se diz estarem associados a ela.

Algumas evidências sugerem que eu não estou sozinho. Um estudo da Universidade de São Paulo realizado em 1985 revelou que a exposição a Brahms gerada nos ouvintes “diminuiu os sentimentos de obrigação e surpresa” (Souza, pp. 53-62; Miller 18), enquanto as seleções de Tchaikovsky produziram “estados mais ativos (por exemplo, interesse, desejo, atração sexual, raiva, medo)” nesse mesmo grupo de teste. Os resultados foram tudo, menos uniformes e, como regra, não indicam que a música clássica gerou sentimentos de adoração.

Ainda não se sabe se essa pesquisa musical fornece dados úteis e confiáveis. Muitas partes introduziram descobertas que sustentam seu próprio viés. No entanto, a controvérsia demonstra que a questão de qualquer estilo musical que garanta uma resposta está longe de ser resolvida.

Outra alegação de longa data é que a batida encontrada na música contemporânea estimula a sensualidade. Pensa-se que o som primitivo provoca paixões básicas, tornando-o inadequado para uso em reuniões cristãs. No entanto, arranjos musicais mais suaves estão tão ligados à sensualidade quanto aos estridentes, como muitos momentos arriscados nos filmes demonstraram apropriadamente.

Isso não quer dizer que os sons pop sejam completamente sem contexto negativo. Em conjunto com concertos de rock, acontecem coisas ruins o bastante que indicam existir evidências abundantes de que a música está ligada ao uso de drogas e ao sexo ilícito. No entanto, se queremos ir além das declarações simplistas de causa e efeito, precisamos nos perguntar o que realmente está acontecendo. Primeiro, é impreciso dizer que a própria música leva alguém a fazer coisas que não faria de qualquer maneira. Os espectadores, por exemplo, esperam e

planejam se comportar de maneira inadequada em um evento de rock antes mesmo de deixar suas casas. Uma vez lá, eles pegam suas pistas de comportamento ímpio no palco, letras provocativas (ou seja, palavras, não o som em si) e de outros assistentes ao seu redor. Por fim, tudo o que a música fornece é ruído de fundo para uma festa descontrolada.

Muitas vezes, os crentes têm bagagem de memória em alguns desses eventos. Eles reclamam que a MCC os lembra de seu passado pecaminoso e, portanto, não desejam usá-lo em sua adoração. No entanto, os cristãos são pessoas que aprendem a redimir as coisas, se possível, e não as banem. Por exemplo, apenas porque a promiscuidade fazia parte do passado de alguém, não significa que ele ou ela deva desistir do sexo, mas aprenda a apreciá-lo legitimamente, nos limites do casamento. No caso da música e dos instrumentos contemporâneos, em vez de descartá-los, por que não desfrutá-los em relação às boas letras e com a intenção de adorar a Deus?

O trunfo do crítico, seu ponto alto contra a MCC é que esta sempre envolverá conspirações demoníacas. É do conhecimento geral que as tribos africanas usam tambores e ritmos em suas cerimônias religiosas pagãs. Os participantes entram em estados frenéticos e, aparentemente, sob o controle de espíritos impuros, começam a exibir um comportamento sobrenatural estranho. Isso dificilmente prova que instrumentos ou sons específicos devem ser banidos da adoração cristã. Os sociólogos relatam que essas tribos empregam uma grande diversidade de batidas musicais, de forma alguma se adaptando a algum som “demoníaco” primário. Os instrumentos também são variados, incluindo tambores, flautas, chocalhos e oboés (Rouget, pp. 69, 75, 85; Miller 31) – instrumentos que dificilmente é necessário viajar para a África para ver (confira qualquer orquestra sinfônica que valha a pena). Observadores também relataram que algumas tribos não usavam nenhum instrumento (Rouget, pp. 113-114, 149, 312-13).

As discussões sobre estilos musicais emergentes devem continuar, mas quando o debate recorrer a exageros e boatos, é hora de perguntar se a verdade está sendo buscada ou apenas a vitória. De fato, muitos argumentos apresentados contêm pequenos pedaços de verdade (coisas ruins acontecem em shows de rock, tribos pagãs usam bateria etc.). Deve-se lembrar, no entanto, que existem contra-argumentos que contam o resto da história.

No final do dia, não há razão conclusiva para deixar de lado a música cristã contemporânea, nem uma “bala mágica” que resolva o problema. De fato, a maneira tenaz da música em si parece se apegar ao povo de Deus, revela não o poder do diabo, mas, como veremos, o modo como o coração humano se comunica.

Música – um idioma próprio

Anos atrás, dei uma fita cassete a um sujeito que era novo na cena da Igreja Local. Era um produto LSM cuja música capturou obedientemente o tema de um treinamento recente. “Você gostou da fita?”, perguntei a ele mais tarde. “Honestamente?”. “Sim”. “Bem, eu odiei”. “Por quê?”, perguntei, atordoado. “A música era esquisita e as dublagens ... estranhas.” Eu tentei salvar a situação. “E a letra, no entanto?” “Serei honesto com você, John. O arranjo musical era tão ruim que eu nem percebi as palavras.”

Eu queria protestar que era tudo sobre a letra, mas então percebi que, se realmente fosse, qual era o sentido da música? Por que ter isso? Não seria bom o suficiente imprimir tudo em forma de livro e apenas pedir às pessoas que leiam as informações – eliminar a música e deixar a poesia?

No meio de minha decepcionante conversa com meu amigo, eu sinceramente esqueci minha própria reação quando alguém me emprestou pela primeira vez uma fita de treinamento inspirada no LSM. Eu tinha vinte anos na época e ouvia música todos os dias. Eu morava em um ambiente completamente musical, onde os caras conversavam, trocavam e ouviam música constantemente. Então, quando eu peguei a fita, fiquei chocado que alguém com uma cara séria teria me dado. A música parecia algum tipo de piada sem graça. Mesmo as palavras não me pareceram instantaneamente cristãs. Termos como “manifestado” e “economia”, que foram pontos de ancoragem em algumas seleções, pareciam vagamente dissonantes. Por fim, eu não me conectei a nenhum sentimento cristão até artistas como Amy Grant e “Willie Nelson Sings the Gospel”. Embora eu tenha mudado meu gosto, esse tipo de música se tornou a experiência de iniciação para uma criança que não tinha conhecimento da Bíblia ou qualquer fundo evangélico.

Embora a fita de música da Igreja Local tenha sido inédita, após anos de imersão no Movimento, eu finalmente decidi que gostava dela e de todas as outras tarifas do LSM. Mas sem um reforço completo dia e noite, meu primeiro “suspiro” fora menos do que motivador.

Nada atinge mais as partes internas das pessoas do que a música. Não há como negar. É a força cultural mais poderosa do nosso planeta hoje. A música é uma linguagem do coração que afeta a todos, exercendo até o poder da lembrança emocional, trazendo de volta lembranças e sentimentos de onde você estava quando ouviu uma música em particular. Como Platão disse uma vez: “O treinamento musical é muito poderoso...porque o ritmo e a harmonia encontram seu caminho nos lugares secretos da alma, carregando graça em seus movimentos e tornando a alma graciosa. Deixe-me escrever as canções de uma nação e não me importo com quem faz suas leis” (Protágoras 326).

Uma coisa que parece que nunca entendemos (ou pelo menos resistimos em entender) é que nenhum estilo musical se conecta a todos. Uma rápida pesquisa de estações de rádio em qualquer grande cidade americana atestará esse fato simples. Você encontrará música pop, hip hop, heavy metal, country e, em seguida, a clássica como a menor fatia da torta. No entanto, por incrível que pareça, muitas pessoas religiosas escolheram a música com o menor apelo, o clássico, como tendo uma propriedade inata acima de todas as outras. Isso significa que o estilo com menor probabilidade de conquistar o coração da maioria foi escolhido para acompanhar a mensagem mais importante do mundo – o evangelho. Seria como escolher o grego como a única língua aprovada para falar sobre Deus, já que é a língua nativa das escrituras do Novo Testamento. Naturalmente, isso limitaria severamente aqueles que poderiam receber a mensagem do evangelho aos falantes de grego e o número limitado de almas perseverantes que estariam dispostas a aprender. Embora nunca adaptássemos o conteúdo às pessoas que estamos tentando alcançar, certamente usaríamos a linguagem falada deles, e eu sugiro fortemente o uso da linguagem musical do coração também.

Mesmo aqueles que são contra a MCC também podem, sem querer, revelar que a linguagem do coração é tudo, menos clássica. Li recentemente um relato divertido de dois ministros que entraram em um carro para irem juntos a algum lugar. Quem dirigia era um inimigo declarado do rock cristão. Seu amigo no banco do passageiro estendeu a mão e ligou o rádio (antes que ele pudesse ser parado), e descobriu que todas as estações predefinidas eram estações de rock. O motorista, com o rosto vermelho, tentou explicar, mas já era tarde demais. Seus gostos musicais “secretos” haviam sido expostos.

Muitos de nós sentimos que existe uma dicotomia legítima entre o gosto pela música em nossos rádios e o tipo usado em nossas reuniões cristãs. Tornou-se aceitável falar uma “língua” na privacidade de nosso automóvel ou em Ipods e depois falar uma língua estrangeira antiquada no domingo de manhã.

É claro que não estou defendendo uma importação por atacado da lista de reprodução dos Rolling Stones para as reuniões cristãs. Essas letras informam a todos que a música foi feita para um propósito diferente do que a adoração a Deus. Estamos falando de formas e estilos aqui, não defendendo palavras ou volume, sexo, girações selvagens ou maconha.

No entanto, permanece uma hesitação, muito proveniente de nossas experiências anteriores de adoração. Todos nós temos lembranças douradas que se tornaram um padrão inconsciente pelo qual julgamos todo o resto. Algumas das minhas adorações mais felizes ocorreram quando ministros de tempo integral no Centro-Oeste estavam se reunindo e cantando heroicas notas de “Vem Senhor Jesus”. Cem homens e mulheres, que deixaram o emprego sem meios de apoio e sem mais recursos se reuniram sem outras aspirações além de agradar ao

Senhor e encontrá-Lo como se Ele fosse voltar mais tarde ainda naquela noite. Nosso instrumento tinha sido um piano. Nossa música foi escrita em grande parte por pessoas que morreram há muito tempo.

Para mim, esses foram dias de Pentecostes. Gravamos as sessões e eu ouvi a fita até que ela se estragou. Muito raramente, algo chegou perto da minha experiência musical do Espírito do que aconteceu naqueles tempos. Qual era o segredo de nossa unção naquela época? Eu poderia facilmente apontar para aquele piano solitário, aquele hinário preto, camisas e gravatas, colchas e a distinta ausência de bateria. Eu poderia enfatizar não apenas esses, mas muitos outros itens como requisito para o mover do Espírito, mas onde a fórmula para o sucesso terminaria justificadamente? Com cadeiras de plástico duro? Tapete felpudo laranja?

No entanto, alguns de nós vão quase tão longe. Enquanto tentamos recuperar em nossa música os “raios” do passado, consagramos os externos. Temos certeza de que desde que um raio atingiu algum lugar sob certas condições há muitos anos, se duplicarmos as mesmas condições, será apenas uma questão de tempo até que atinja novamente. Muitas denominações tradicionais petrificaram enquanto continuavam sob essa expectativa. Mas séculos podem ir e vir enquanto esperamos que isso aconteça. Enquanto isso, qualquer coisa nova que surja, mesmo que tenha um efeito revivificante, é percebida como suspeita na melhor das hipóteses, uma vez que não se alinha a experiências positivas anteriores. É isso que significa plantar uma bandeira no topo de uma colina que não é o Calvário.

Dispensável será dizer que, à medida que o tempo passa, essas “bandeiras” que representam posições nas tradições, preferências e afinidades da igreja se encolhem cada vez mais no horizonte. Uma geração recém-crescente de cristãos simplesmente não responde a experiências passadas canonizadas. Lamentamos sua falta de espiritualidade. Torcemos nossas mãos. Onde está o compromisso? Onde está a camaradagem da comunhão que foi vista no passado? Enquanto isso, a igreja de Jesus continua. O Espírito Santo não parece estar no negócio de tentar ressuscitar o passado. Seu ministério tem pouco a ver com a translado de pessoas de volta a 1974, 1989 ou 1998.

Isso é mais dolorosamente observado da maneira como jovens cristãos entre nós tratam indiferentemente os cânticos complementares de nosso passado. Os cantos da igreja local / refrãos folclóricos que emocionaram nossos corações não parecem impressioná-los. O estilo de John Denver ou Peter, Paul e Mary como um grampo, semana após semana, comprovadamente falha em envolvê-los.

Aparentemente, o sentimento de uma música também pode perder sua vantagem, dependendo do contexto dos tempos. Em uma de nossas reuniões, decidimos cantar *É o dia de sábado/e você não pode colher milho* (cantado como se “viajando em um avião a jato”). Olhei ao

redor da sala, observando os olhares vagos e entediados de crianças da segunda geração e o visitante solitário sem noção. Simplesmente não fazia sentido para eles. Percebi que, quando a música foi escrita, simbolizava uma autoridade religiosa onerosa. Jovens cristãos no Movimento da Igreja Local, envolvidos em uma luta idealista com o cristianismo, consideravam-se injustamente oprimidos pelo *establishment* religioso – “O Homem”. Ocorreu-me que se as crianças no local de reunião estivessem pensando em futuros poderes restringindo sua liberdade de culto e expressão, as chances eram excelentes de que elas estivessem pensando em nós, não na hierarquia da igreja batista local.

Toda congregação diz que deseja crescer numericamente e ser eficaz para alcançar as pessoas. Mas uma grande maioria dessas mesmas congregações deseja realizar divulgação estritamente em seus termos. Elas esperam que as pessoas nos bairros que os rodeiam adotem de todo o coração medidores, ritmos e instrumentos que não consideram convincentes. Isso praticamente significa que esperamos que elas falem uma língua estrangeira e se sintam confortáveis nela. Essa ideia se encaixa na lógica de que somente o inglês do Rei James deve ser usado ao orar, finalizado com “Thee,” “Thou,” “Thine,” e “Thy” [expressões inglesas arcaicas, que caíram em desuso, mas ainda são proferidas por cristãos mais idosos ou que usam a versão da Bíblia King James não atualizada]. Quando os requerentes são forçados a fazer essas concessões estranhas, usando equipamentos artificiais, geralmente escolhem ficar em casa.

Alguns Princípios Orientadores

No momento da redação deste artigo, apenas algumas Igrejas Locais tiveram alguma experiência em atualizar seriamente seu ministério da música. Aquelas que não o fizeram, sem dúvida desejarão fazer mudanças em breve, se desejarem sobreviver. Por esse motivo, algumas breves observações sobre a incorporação de um serviço de música vão a seguir.

Primeiro, há algo a ser dito sobre colocar energia na montagem de uma banda, em vez de simplesmente permitir que o acompanhamento padrão aconteça nas reuniões. Um grupo de crentes que estuda, pratica, ouve e aprende música durante a semana é uma grande bênção para a igreja.

Embora todos possam cantar, nem todos podem liderar um ministério da música. O judeu devoto típico certamente poderia cantar os Salmos de Davi para devoções pessoais ou em comemoração junto com outros. No entanto, Davi e, mais tarde, Neemias fizeram um curso inteiro de adoração, envolvendo pessoas especialmente treinadas nele. Esperava-se que a música fizesse parte da adoração e serviço a Deus (2 Cr. 7:6, 30:21, 34:12-13, Ne. 12:36).

Não devemos ter uma reação instintiva quando a palavra “banda” é mencionada. As ideias operacionais a serem lembradas em relação a isso são “ajuda”, “serviço” e “culto”, não “performance”. Percebo que há algumas preocupações sobre questões de orgulho que surgem nos músicos. Isso se justifica em certa medida, mas lembre-se de que qualquer pessoa que ocupe um papel visível corre o risco de se orgulhar.

A vaidade não é domínio somente dos músicos. Durante anos, observei obreiros seniores do Movimento da Igreja Local bastante felizes em evocar “ooohs”, “aahs”, durante as mensagens, ouvindo “o irmão mais ou menos assim” durante o tempo do testemunho, e na comunhão após a reunião, ouvindo os demais falarem sobre o quão excelente o ministrar foi. Dentro de cada um de nós há uma fome caída de andar em um carro alegórico. Também ouvi santos, “pequenas batatas”, recontar triunfos pessoais como dar um bom testemunho, às vezes meses após o fato. Realmente vamos proibir um ministério por causa do orgulho? Nesse caso, quase todo mundo precisaria fazer as malas e ir para casa.

É certo que não há nada no Novo Testamento sobre bandas ou liderança de adoração. Mas também não há nada a respeito do uso de instrumentos na igreja, incluindo o venerável e inquestionável piano. Tampouco o uso de um hinário vinculado é sugerido nas escrituras. Ainda hoje, os cristãos, incluindo os do Movimento Igreja Local, usam todas essas coisas, sem exigir nenhuma prova bíblica de sua legitimidade. Parece mais do que um pouco hipócrita, então, exigir versos que permitam grupos de serviço musical. Além disso, como apontado anteriormente, pelo menos as escrituras registram essas coisas no Antigo Testamento.

A música cria a possibilidade de uma área de serviço inteira que antes era ocupada por uma pessoa sentada ao piano ou algumas tocando violões. Os *slots* são abertos relacionados a vocais, tocando vários instrumentos, gerenciamento de bandas (que envolve administração e pastoreio) e produção técnica (executando uma placa de som ou slides em *powerpoint*, etc.). Isso significa muito mais pessoas servindo e sentindo uma responsabilidade pela igreja. Na assembleia de Upper Arlington, a banda é o melhor e mais claro exemplo de serviço dedicado em toda a igreja. Os santos que participam estão no local da reunião horas antes do início da reunião, orando, lendo a Palavra e praticando as canções da manhã. Como grupo, eles também são os mais confiáveis quando se trata de participar de qualquer evento da igreja. Isso sem mencionar que a maioria da banda ajudou a lançar esta nova igreja!

Se realmente estivermos alcançando nossa comunidade, encontraremos pessoas que já são habilidosas em música e desejam servir ao Senhor com ela. Obviamente, isso não significa que qualquer pessoa que possa gerenciar algumas notas tenha direito a um microfone. A igreja não deveria ter de suportar performances ruins do *American Idol* para impedir que os sentimentos sejam feridos.

A política deve governar o ministério da música. Na assembleia de Upper Arlington, não apenas procuramos um certo nível de conhecimento musical, mas exigimos outras coisas antes que as partes interessadas comecem a tocar. Eles devem se comprometer com a prática regular com o restante da banda e concordar com os padrões morais, espirituais e práticos enunciados em nosso convênio ministerial. Obviamente, eles devem estar comprometidos com a nossa congregação.

Igrejas menores podem não ter recursos para iniciar uma banda no sentido em que geralmente pensamos nela. Isso não é um problema. Não faz sentido ficar pendurado em microfones e baterias se tudo o que uma congregação pode gerenciar são duas guitarras e um bongo, tudo bem. Mesmo que seja apenas uma pessoa com um violão, você pode fazê-lo funcionar. Tudo depende da atitude da pessoa envolvida. Se ele ou ela adora, acredita que é um serviço sagrado a Deus e gostaria de atrair outros, o seu ministério da música tem esperança. A simplicidade absoluta pode ser bem vestida com paixão, excelência e abordagens musicais inventivas. Nunca permita que a simplicidade se torne a desculpa para a negligência, como esperar até o meio de uma reunião para tentar aprender acordes de violão. Quando se trata de Cristo e da igreja, fazer bem as coisas (como você faria pelo seu chefe ou pelo seu professor) deveria dispensar incentivos. Além disso, se a música é realmente o ministério de alguém, não devemos incentivá-los a abaixar o instrumento de vez em quando, e não o contrário?

Em termos de estilo musical selecionado, lembre-se da linguagem do coração das pessoas que você está tentando alcançar. Uma pequena igreja no Novo México que está tentando alcançar fazendeiros de meia idade pode não querer insistir no uso da música cristã contemporânea. Talvez a população se relacione melhor com o canto ou a música tradicional de hinos com um sentimento de country-western ou folk. A forma deve fazer sentido para eles.

As formas mal ajustadas não apenas não conseguem se conectar com as pessoas locais, mas também podem fazer com que você pareça irremediavelmente distante e totalmente bobo. Uma assembleia na Califórnia que espera se conectar com estudantes do ensino médio provavelmente não desejará usar um som operístico. Caso contrário, enquanto a irmã mais ou menos está atingindo essas notas altas, as crianças riem e reviram os olhos.

Anos atrás, fiz um trabalho evangélico entre os jovens da cidade. Foi bem-sucedido até o ponto de tentar trazê-los para a Igreja Local. O cenário caucasiano-chinês estranhamente datado (que chamamos de Um Novo Homem), estava sobrecarregado com música que não fazia sentido para eles. Nem os hinos de Witness Lee, nem as músicas resgatadas dos Carpenters, Beatles ou Capitão e Tennille causaram impacto. Por fim, desisti, concluindo por ignorância que meus jovens amigos negros simplesmente não estavam interessados em conhecer o Espírito.

Cerca de quinze anos depois, ocorreu uma divulgação patrocinada pelo Centro-Oeste da Igreja Local na mesma área. Uma de nossas bandas de jovens começou a cantar no meio de um parque comunitário bastante dominado pela presença afro-americana. Os espectadores pareciam completamente indiferentes à música, embora fosse contemporânea e tivesse um conjunto completo de instrumentos. Então, uma irmã negra entre nós se levantou e começou a cantar evangelho na tradição afro-americana. Houve uma reação imediata e uma multidão reunida. Foi um bom lembrete sobre a música como linguagem do coração.

Não caia na armadilha religiosa milenar de marcar algo como *show business*. Se seu tipo de música cristã, talvez algo com a sensação de Bach ou Mozart, atraísse uma multidão de amantes da música clássica, você ainda seria tão rápido em chamá-lo de *show business*? Alguns diriam: “É claro que não, pois é o Espírito que atrai as pessoas.” Eu já participei de grupos de estudo onde modelos tão flagrantes e duplos foram modelados. Palavras como “vida” foram usadas para conferir legitimidade à música tradicional da Igreja Local. Termos depreciativos como “superficial” e “emocional” foram aplicados às formas contemporâneas.

Qualquer um pode afirmar que o Espírito tem um “som” preferido e, como evidência, citar seus próprios critérios subjetivos para justificar isso. Mas as provas baseadas na experiência interna de uma pessoa dificilmente encerram o caso para todos os outros. Por um lado, quando alguém diz: “meu espírito não testemunha com essa música”, como sabemos que não é sua preferência musical não testemunhar com essa música? Frequentemente, os crentes que reivindicam uma caminhada mais profunda com Cristo e não gostam particularmente da MCC, afirmam que aqueles que preferem a música não são espiritualmente sensíveis ou simplesmente imaturos. Mas, novamente, como sabemos que a pessoa supostamente avançada não é a pessoa que se tornou endurecida, insensível ou, a esse respeito, imatura em relação ao que é aceitável?

Todos os filhos do Senhor têm direito à consciência sobre comer carne ou vegetais, sobre este ou aquele dia e, também, quanto ao estilo musical. No entanto, quando a igreja está pensando em como trabalhar, seguir em frente e alcançar a comunidade, é necessária muita sabedoria e prudência. Caso contrário, toda a congregação ficará atolada no passado (para pontos de vista sobre conflitos internos, consulte o capítulo 8, *escolhendo métodos como uma equipe*).

Se você quer ajudar as pessoas a apreciarem a rica herança musical cristã do passado, existem maneiras de fazê-lo. Coloque estrategicamente um hino em sua lista de reprodução da MCC de vez em quando. Torne um evento especial anunciando-o na reunião ou chamando a atenção das pessoas. Você pode até ensinar o hino, não deixando nenhuma prosa poética ou palavras arcaicas um quebra-cabeça nas mentes dos envolvidos. Muitas vezes, nos círculos

tradicionais, cantávamos exuberantemente um “serafim primogênito” e uma “bola terrestre” sem nenhuma pista do que isso significava. Não continue cantando sobre incógnitas. Aproveite o tempo para garantir que todos estejam a bordo. Outra ideia é experimentar alguns novos instrumentos com músicas antigas ou até reescrever a música original por completo. Lembre-se de que a Bíblia não pode ser mudada, mas essa proibição não se estende aos hinos.

Qualquer grupo que queira “tornar-se público” e sair ao mundo com o testemunho de Cristo deve considerar a música que eles usam para expressar sua mensagem. A música não é uma reflexão tardia. É o principal meio de comunicação das massas. Apenas verifique com Deus. A seção mais longa de sua Palavra é um livro de canções.